

O amor (não) é coisa de loucos

Maria Medeiros é a atriz principal do novo filme de Mário Barroso. Uma história de libertação, amor e (in)justiça

> Dizem que o amor é louco. Mas nem por isso tratamos de internar os amantes. É essa particular condição que torna o terceiro filme de Mário Barroso, *Ordem Moral*, tão aliciante. Quando as loucuras de amor são encaradas clinicamente, deixamos de estar no campo das emoções e passamos a estar no da justiça e da moral.

A história de Maria Adelaide Coelho da Cunha já foi contada por vários periódicos ao longo dos tempos e também, recentemente, por Agustina Bessa-Luís, no romance *Doidos e Amantes*, e por Manuela Gonzaga, no livro-reportagem *Doida Não e Não!*. Mário Barroso não parte de nenhum desses formatos e procurou a sua própria história com o argumentista Carlos Saboga. Na base, está uma mulher de 50 anos, da alta sociedade lisboeta, filha do fundador do *Diário de Notícias*, que foge com o motorista, muito mais novo, provocando, além do escândalo, a perseguição do marido, que acaba por interná-la num manicómio (com a cumplicidade dos grandes médicos da

época, como Egas Moniz e Júlio de Matos). Estamos em plena Primeira República.

A primeira originalidade de Mário Barroso é que se recusa a tratar o caso como o de uma paixão assolapada – antes, um pretexto de fuga para uma mulher enclausurada num mundo que lhe é subtilmente hostil. Por outro lado, procura não colar a emancipação daquela mulher a um ímpeto feminista, o que torna a questão do género mais subtil. A exemplo do que acontecera com *O Milagre Segundo Salomé*, Mário Barroso constrói uma história densa e empolgante, com uma reconstrução histórica irrepreensível, que nos permite mergulhar num mundo distante mas com portas para a atualidade (como, por exemplo, a situação de pandemia que se vivia em 1918–1920). Pictoricamente, é muito rico, não fosse Barroso um diretor de fotografia de excelência, sempre com contenção e bom gosto. O argumento foi desenhado a pensar em Maria de Medeiros, que aparece igual a si própria, com expressões que, sem mais nada, enchem o ecrã, mas longe de uma interpretação visceral que nos arrebate. **/// Manuel Halpern**

